

Y va-el convite crescendo  
en las llamas de los ojos,  
y el manto de flecos rojos  
se va en el aire meciendo.

Súbite, de un salto arranca:  
húrtase, se quiebra, gira:  
abre en dos la cachemira,  
ofrece la bata blanca.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos X (continuação);  
José Martí Poesia Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

El cuerpo cede y ondea;  
la boca abierta provoca;  
es una rosa la boca:  
lentamente taconea.

Recoge, de un débil giro,  
el manto de flecos rojos:  
se va, cerrando los ojos,  
se va, como en un suspiro...

Sem jamais fazer menção  
ao destino que a conduz,  
a raiz, na escuridão,  
mantém os ramos na luz!...

Milton Nunes Loureiro, em  
Trovalegre 0411

Quem olha o arbusto que enverga  
e se apruma – na tormenta –  
mesmo olhando... não enxerga  
que a raiz é o que sustenta!

Roberto Resende Vilela, em  
Trovalegre 0411

Vamos fazer de conta que é o começo  
daqueles tempos em que nos amamos,  
sob a mangueira que pendia os ramos  
ao nosso beijo cálido e travesso.

Vamos fazer de conta que voltamos  
a nos buscar, de novo, sem tropeço,  
sem questionar, sem perguntar o preço  
da nova situação que procuramos.

E assim, como dois jovens namorados,  
tão cheios de paixão e inconseqüentes,  
nos braços um do outro, aconchegados.  
Vamos, sem pressa, risco ou timidez,  
como se fossemos adolescentes  
viver e amar pela primeira vez...

Alba Christina, Simulacro; em  
Fanal 9412

Ridente voz do campanário amigo  
enfanzando a religiosidade.  
Brônzeo poeta que conduz consigo  
a inspiração da mística verdade.

Convocador da procissão que sigo  
na minha fuga da realidade  
para adentrar o templo esse postigo  
da revoada para a eternidade...

Sino a tanger a lírica bonança  
que me devolve os anos de criança  
pelo milagre da recordação.  
Sino, poesia magistral que assoma  
independente de qualquer idioma  
porque direta fala ao coração!

João Ribeiro de Almeida Neto, A Poesia do Campanário; em  
Fanal 9512

Tan solo la esperanza en nuestra vida  
calma la pena de vivir, más nada;  
y no es más la existencia, resumida,  
que una gran esperanza malograda.

Sueño eterno del alma desterrada  
que la guía ansiosa y aturdida:  
una hora feliz siempre atrasada  
que nunca llega en toda nuestra vida.

Esa felicidad que suponemos  
– un árbol milagroso que soñamos  
a dar tanta cosecha cual queremos –  
existe sí, mas nunca la alcanzamos,  
porque está siempre donde la ponemos,  
y nunca la ponemos donde estamos. SF9810

Vicente de Carvalho, La Felicidad; de Sonetos Brasileños traducidos por Alvaro de Las Casas – ABL 1938

**A todos desejamos um Feliz Natal e Feliz Ano Novo!**

Coração, no mundo agreste  
se tanto te rejeitaram,  
conta os afetos que deste  
e esquece os que te negaram!

Eugênia Maria Rodrigues, em  
O Pitiguari 0404

Vinte e cinco de dezembro...  
Jesus Cristo bem no centro!  
O Natal, a todos lembro,  
que seja também por dentro!

João Batista Xavier Oliveira, em  
Sem Limites 0312

**Larissa, Lúvia, Caio, Tracema e Manoel.**

No Natal, Jesus não vem  
ao coração da avareza,  
da corrupção, nem de alguém  
que menospreza a nobreza!

Aloisio Bezerra, em  
Fanal 9412

Redimindo os pecadores,  
conduzindo-os para a luz,  
o maior dos sonhadores  
morreu pregado na cruz!

Apárcio Fernandes, em  
Sem Limites 0112

O ano fenece...  
Pernas velozes nas pistas  
pipocam rojões!

Fanny Dupré

Ah! pororoca  
avança com sua bocarra  
engolindo as ilhas...

H. Masuda, Goga

Nariz na vidraça  
guri de rua acompanha  
a Ceia de Natal.

Hazel de S. Francisco

Com suor no rosto  
garoto sobe a ladeira.  
Bicicleta nova.

Maria R. Labruciano

Cristais perfilados  
à espera da meia-noite...  
O ano fenece.

Teruko Oda

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI) VERÃO		
Em pleno verão, num coberto de grânizo, a cidade esfria. Alba Christina	Pequenas lanternas acesas em meu jardim... Quantos vaga-lumes! Elen de Novais Felix	No pleno verão, na praia grande guarda-sol, banhistas no mar. Maria App. Picanço Goulart
Bocas-de-leão! As crianças se divertem, apertando as flores... Amália Marie	Fogo preparado... Os convidados à espera... E o surubim: – nada!... Ericy M. M. de Faria	Sobe desce rola entre pegadas na areia fica o caramujo. Maria de Jesus B. de Mello
Menino deitado. No Dia do Salva-vidas, multidão espia. Analice Feitoza de Lima	Sobre a mesa bonitos abacaxis. Todos maduros. Hélvécio Durso	No grande salão, a contagem regressiva. réveillon de luzes. Maria Reginato Labruciano
Igreja enfeitada. Presépio. Muitos fiéis pra Missa do Galo. Angélica Villela Santos	Na banca da esquina, ao Dia do Jornaleiro, manchete estampada!... Hermoclydes S. Franco	Tarde domingueira no rosto da criança fiapos de manga. Neila Martelli Toledo
Noite mineira longe da casa materna réveillon caipira. Carlos Roque B. de Jesus	Preparo a festinha. Meia- noite e ninguém chega... – Réveillon sozinho! Humberto Del Maestro	No portão do parque, deliciosa água de coco completa a manhã. Olga Amorim
Nas primeiras chuvas vermelhos e amarelos. Cajus madurinhos. Cecy Tupinambá Ulhôa	Que cena mais triste a televisão exibe! Enchente no Sul!... João Batista Serra	Família reunida ao redor da farta mesa. Ceia de Natal. Regina Célia de Andrade
Desaba o toró. A avenida vira rio. Dois barcos navegam... Darly O. Barros	A beira do rio moleques trepados chupando cajú. Larissa Lacerda Menendez	Debaixo da ponte, alguém traz carne moida. Ceia de Natal. Renata Paccola
Crianças chorando: – tem lava-pés no gramado! Fim da brincadeira. Denise Cataldi	Mãe atenciosa corta o abacaxi. Fátias de sol amarelo. Lúvia Lacerda Menendez	Um cheiro no ar. Uma cascata na boca. É o abacaxi. Roberto Resende Vilela
Árvore sem folha peregrinação de formigas carregam o almoço. Devanil Cairo	João-de-barro canta! Pronto o seu lar. Porta ao sol. Dia do Arquiteto. Leonilda Hilgenberg Justus	Chegando em Recife a saudação refrescante: suco de cajú. Sérgio Francisco Pichorim
Enfeita o roçado, um colorido cajueiro, de cajus, copado! Edel Costa	Barata mutante, pulverizada, segue em busca de alimento. Manoel F. Menendez	Telhado é refúgio na imensidão alagada. A chuva não passa. Walma da Costa Barros

**SELEÇÕES MENSAIS**  
**FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS**  
**Remeter até 30.12.04, quigos à escolha:**  
**Bruma, Dia do Sogro, Tangerina.**  
Remeter até 30.01.05, quigos à escolha:  
Cantárida, Dia do Ferrovário, Quaresmeira.  
O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), seu único principal motivo: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluímos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, só praticando. Não há outra opção: comece já!  
No Quadro Final, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Yamos lá, coragem!*  
Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP ou mfmenendez@ig.com.br  
1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.  
2. Posteriormente o haicista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.  
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.  
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

**TREVOS À OCIDENTAL. \* – TREVOS PERSONAGEM \***  
Cartão de Natal. ◦  
São lembranças que ficou,  
presente de amor.  
Ailson Cardoso de Oliveira  
Fogos de artifício, ◦  
tantos quantas as esperanças  
de outro réveillon.  
Alba Christina  
Alegres ou tristes, ◦  
todos aguardam mudanças.  
É o réveillon!  
Alda Corrêa M. Moreira  
No réveillon se abrem ◦  
sombriinhas de luz e cores...  
Coroam paixões...  
Amália Marie

HAICUS EM FOLHA		
Um forte perfume, na penumbra do jardim – a dama-da-noite. Maria Reginato Labruciano	Quarto perfumado. No jardim, sob a janela, as damas-da-noite. Walma da Costa Barros	No canto da sala a novó monta o presépio – véspera de Natal. Maria Reginato Labruciano
Briham as vitrines na véspera de Natal. Crianças espiam. Walma da Costa Barros	Troca de presentes na véspera de Natal. Família reunida. Renata Paccola	Com velas acesas na véspera de Natal, fiéis em vigília. Angélica Villela Santos
Na paz da varanda anuncia-se a presença da dama-da-noite... Darly O. Barros	Sinos badalando na véspera de Natal à missa do galo. Maria App. Picanço Goulart	Olhinhos bem abertos. É véspera de Natal. Criança não dorme. Alda Corrêa M. Moreira
Voltaram de novo na véspera de Natal os sonhos de sempre. Sérgio Francisco Pichorim	Repiques de sinos. Na véspera de Natal, igreja festiva. Roberto Resende Vilela	Crianças brincando. Na véspera de Natal parentes chegando. Analice Feitoza de Lima
Olhar curioso para os embrulhos na árvore. Véspera de Natal. Cecy Tupinambá Ulhôa	Creceu no jardim um pé de dama-da-noite. Perfume sem fim. Angélica Villela Santos	Menino com fome na véspera de Natal dehora um pão seco... Darly O. Barros
Na noite sem lua, surgem as damas-da-noite. Jardins ficam brancos. Alda Corrêa M. Moreira	A rua agitada na véspera de Natal. Um cego sentado. Sérgio Francisco Pichorim	Jingle bells ecoam na véspera de Natal. Tudo tremeluz. Amauri Amaral Campos
Arvore enfeitada na véspera de Natal; pezinhos na escada. Denise Cataldi	Véspera de Natal – troncos de árvores envoltos por mil lampadinhas. Maria Reginato Labruciano	Calor diurno nada refresca, tudo arde chegou El Niño. Denise Cataldi
Praias lotadas, um calor insuportável. É ele: El Niño. Flávio Ferreira da Silva	Em meio ao jardim, um perfume sobressai. É dama-da-noite. Renata Paccola	O perfume doce na varanda sem luar. É a dama-da-noite. Denise Cataldi
Sinos badalam, é a véspera de Natal. Tem missa do galo. Flávio Ferreira da Silva	Sol, chuva e ciclone vem vindo fora de hora. El Niño desponeta. Alba Christina	Ainda distante, pelo olfato, distinguimos a dama-da-noite. Flávio Ferreira da Silva

Água de coco ◦ colho no enorme quintal café da manhã Carlos Roque B. de Jesus	Na selva de pedra, ◦ muitos trabalham com arte. Dia do Arquiteto. Cecy Tupinambá Ulhôa	Os anjos do asfalto. ◦ É Dia do Salva-vidas nossa gratidão. Dercy de Freitas	Sorriso nos lábios, ◦ as bancas estão em festa: é Dia do Jornaleiro. Djalda Winter Santos	Ao dizer-te adeus, ◦ vejo que a saudade imprime névoa em meu olhar. Elen de Novais Felix	Respeitam projeto e autores os construtores? – Dia do Arquiteto. Fernando Lopes Soares	Foi-se o réveillon, ◦ uma ressaca danada... E a festa foi boa? Fernando Vasconcelos
Vila de Formigas... ◦ Nosso Mestre de haicai que estará fazendo? Guim Ga	Réveillon com lua ◦ muitos fogos de artifício. Perigo... fujam!!! Haroldo R. Castro	Um Feliz Natal! ◦ Sou a Estrela Guia: a Luz que dá vida à Terra. Heloisa Sauerbronn Brandão	Muita alegria. ◦ Jornaleiro em festa! É o seu dia. Hélvécio Durso	Pernilongo, ou não, ◦ qualquer mosquito transtorna meu sono de paz!... Hermoclydes Siqueira Franco	Onze de dezembro, ◦ arquiteto se rebela: – prancheta de lado! Humberto Del Maestro	Cartão de Natal. ◦ Esperanças estampadas. Muita Paz e Amor. João Batista Serra
Vai o salva-vidas, ◦ o barco em forma de cruz... Fundo mar... Jesus! João Elias dos Santos	Gosto de verão ◦ bem-vindo a cessar a sede mais um bem gelado. José Roberto de Oliveira	Réveillon alegre! ◦ Felicidade presente; no futuro, dúvidas. Leda Mendes Jorge	Réveillon velhinho, ◦ traça trilhas nas calçadas. Chuva! Logo, nada... Leonilda Hilgenberg Justus	A hortênsia, rosa; a rosa, toda de azul... Curioso jardim. Manoel F. Menendez	O fio de nylon ◦ em prece in pressa tece o fim do réveillon. Marcelino Rodrigues de Pontes	Que tempo feliz! ◦ Cada cartão de Natal é um sinal de vida! Maria Madalena Ferreira
Já mais velho um ano ◦ esperanças se renovem neste réveillon. Mariemy Tokumu	Jornaleiro grita: ◦ – Hoje o jornal está bom! notícias fustas. Maurício Fernandes Leonardo	Cartão jogado. * É de Natal! Guarda-o feliz, o mendigo! Nadyr Leme Ganzert	Relembro o passado ◦ a beber água de coco. Saudade gostosa! Olga dos Santos Bussade	Uma noite em claro * por causa de um pernilongo que ouço mas não vejo. Renata Paccola	Recebo um cartão, * mas sem assinatura!... Só “Feliz Natal!” Sergio de Jesús Luizato	Ceia de Natal: ◦ mesa farta nas mansões. Fome nas favelas. Walma da Costa Barros
Nuvens de verão passos rápidos na rua roupas no varal.	Fiapos nos dentes o rosto todo amarelo é tempo de manga.	Calma na sombra nenhuma folha caindo do chapéu-de-sol.	Na velha casa aranhas dependuradas enfeitam a sala.	Malas na mão nos olhos tantas lágrimas casa inundada.	Verão. Meio-dia na sombra de uma nuvem o boi cochila.	Noite de Natal a ceia preparada espera o amigo distante.

Nuvens de verão – vizinhos sincronizados fechando janelas.

Colado à vidraça bola surrada e um guri – chuva de verão.

Súbito aguaceiro – pelas ruas da favela corrida de ratos.

Nem gatos, nem pombos – ocupa todo o telhado o sol de verão.

Anúncio de vagas – pachorrenta multidão em banho de sol.

Sobre a velha estrada tanto verde transbordando – campo de verão.

Lua de verão – um peão lustrando as botas na porta do rancho.

Teruko Oda, de Janelas e Tempo, 2003; Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda., Telefax: (0 11) 5082-4190, E-mail: vendas@escrituras.com.br

Minha mãe verteu mais pranto que a mãe de Nosso Senhor. – A Virgem chorou um santo: minha mãe – um pecador!

Vejo, em conflitos amargos, que a causa do meu revés, foi subir em passos largos sem ver onde punha os pés.

Quis ir alem do que sou e apenas, colhi fracassos... Meu limite ultrapassou o tamanho dos meus braços!...

Se ousadia é o que procuras, não te excedas na ambição: o que nos leva às alturas também nos joga no chão.

Eu vejo tanta maldade entre os homens, que nem sei se isso é Lei sem Liberdade ou Liberdade sem Lei...

Se queres servir ao bem, e à humanidade servir, nada prometas além do que puderes cumprir.

Perdoar, mesmo ofendido, às vezes, não custa nada: cada conflito contido é uma vitória alcançada.

Meu pai, mostrou sempre em vida quatro conquistas sagradas: honradez, família unida, e as duas mãos caalejadas.

Em tudo que julgo a sério, tenho que ver para crer... Deus, é o único mistério em que acredito sem ver!

Se o pressinto, por efeito da adulação que me cobre, eu dobro o orgulho no peito antes que o orgulho me dobre!

Homens, olhai para o mar, olhai com olhos de ver e já podeis calcular como é que Deus deve ser...

Trovadores meus irmãos, vamos viver de mãos dadas, que onde há corrente de mãos, não há mãos acorrentadas.

Vejo tanta criatura tomar o que não lhe é dado, que finjo não ter ventura com medo de ser roubado.

É dentro de um gesto lindo que a minha vitória está: aceito sempre sorrindo, tudo que a vida me dá!

Eu aprendi com meus pais esta verdade patente: a liberdade demais também escraviza a gente.

Da minha vida passada guardo o retrato na mente. A vida não mudou nada, eu é que estou diferente!

Do meu lar fiz um império de ventura desmedida; é que nunca levo a sério as mágoas da minha vida.

Aquele que nos vencer sempre a mão devemos dar: quando se aprende a perder já se começa a ganhar.

Um filho em palácio nobre, dez em choupana modesta, provam que em casa de pobre festa de amor é mais festa!

Das obras de Deus, somente a Natureza é perfeita: faz promessas na semente e dá frutos na colheita!

Cruzei o mar a teu lado como se minha tu fosses. Agora, do mar salgado, só tenho lembranças doces.

Se musa não envelhece, esta graça a Deus bendigo; a que me inspira e me aquece vive e envelhece comigo!...

O amor pelo qual suspiras, em teu mundo há de brilhar se a musa em que tu te inspiras, em ti, também se inspira.

Em conflitos e bonanças nossos destinos se traçam: nós somos duas crianças que brigam depois se abraçam!

José Maria Machado de Araújo (\*31.01.1922 - †30.10.2004)

Seleção Maria Nascimento Santos Carvalho, em e-mail de leiteribeiro@netcabo.pt para cel\_lacerdamalho@terra.com.br em 31.10.04

## O B O N E C O D E T R A P O S

Carlos Leite Ribeiro – leiteribeiro@netcabo.pt

Era uma vez um boneco de trapos...

O Natal estava à porta e, numa casa modesta, a mãe viúva e as suas duas filhas, trabalhavam afanosamente na confecção de bonecos de trapos.

O último boneco da última série saiu defeituoso: uma perna mais curta, um braço mais comprido e até o olhar era vesgo.

– Não vamos mandar este boneco para a loja, pois, está muito defeituoso – disse-lhe uma das filhas.

– É um facto, este boneco ficou com muitos defeitos – concordou a mãe – mas talvez passe e não seja devolvido. Nós precisamos tanto de dinheiro...

– Sendo assim, minha mãe, vamos então mandar também o *aleijadinho*...

E o Boneco de Trapos, com uma perna mais curta, um braço mais comprido e com o olhar vesgo, lá foi para a loja...

Noutra casa modesta, outra mãe falava a sua filha mais nova: – Tu minha filha, queres oferecer uma prenda de Natal àquela menina que mora além, naqueles prédios novos, mas nós somos pobres e não podemos oferecer nenhum brinquedo caro...

– Podemos comprar qualquer coisa barata, uma simples lembrança – disse-lhe a criança – pra mais, ela deu-nos umas roupinhas que nos fizeram muito arranjo...

– Pronto, não insistas mais. Vai à loja e compra um brinquedo que seja barato...

E foi assim que, o Boneco de Trapos, defeituoso, com uma perna mais curta, um braço mais comprido e o olhar vesgo, bem embrulhado e com um laço colorido, foi parar a uma casa menos

modesta, onde habitava uma menina, que tinha muitos brinquedos caros e bonitos...

– A tua amiguinha ali de baixo, a que no outro dia deste aquelas roupas, trouxe-te esta prenda.

– Ah, mas que boneco tão imperfeito, mamã! que hei-de fazer com ele?... é tão feio!

– Brinca com ele – retorqui-lhe a mãe – talvez depois o achês bonito...

Pouco convencida, a menina não arranjou outra brincadeira que não fosse colocar o Boneco de Trapos, no centro do alvo dos dardos, e, com uma precisão quase matemática, começou a espetar. Pouco a pouco, foi-se desfazendo, e, assim, quase desfeito, foi parar na manhã da véspera de Natal, a um contentor de lixo...

Nessa manhã, uma mãe levava sua filha pela mão e, ao passar por um contentor de lixo, a criança exclamou:

– Mãe, olha aquele boneco de trapos. É tão bonito, deixa-me levá-lo.

– É um boneco tão imperfeito, já desventrado: para que tu o queres?... só servia para sujar a casa...

– Mãe, eu nunca tive um boneco, e este, até é coxinho como eu.

Tu, minha mãe, até podias arranjá-lo, para mais, o Pai Natal nunca se lembrou de mim!...

E a criança lá levou o boneco para casa. E à noite já estava concertado e com os defeitos corrigidos. Até parecia outro...

Quando nessa noite, foi para a cama, a menina aleijadinha, orgulhosamente, deitou o Boneco de Trapos a seu lado, e disse à mãe:

– Mãe, tu que és tão habilidosa, que concertaste tão bem este boneco, não podias concertar também a minha perninha, para eu ficar tão bonita como ele?...

Comovida, a mãe limpou uma lágrima que teimosamente lhe caía pela face abaixo, e, tristemente, respondeu-lhe:

– Infelizmente não posso, minha filha... mas confiemos em Deus e na boa vontade dos Homens. Talvez para o ano que vem, possas ser curada...

E um ano passou...

A menina aleijadinha, depois de fazer algumas operações e de ser bem tratada, recuperou do seu defeito físico.

– Mais um ano em que não podemos fazer uma festinha nesta noite. Nem sequer um brinquedo te posso dar, minha filha – lamentava-se a mãe.

– Não te preocupes, mãe, eu já recebi uma grande prenda, pois, estou completamente curada e, para mais, tenho o Boneco de Trapos, que sempre me acompanhou. Ele é tão bonito, não é, mamã?!...

O frio lá fora era intenso e talvez nevasse...

Aquela mãe, depois de aconchegar os cobertores a sua filha e ao seu Boneco de Trapos, olhou-o com mais atenção, e, teve a sensação que este lhe sorria e lhe dizia:

– Obrigado, mãe, vai descansar, pois eu velarei pela nossa menina...

E será mesmo que...

Nessa Noite em que dizem que os animais falam, Os Bonecos de trapos, também falam...?...

Nariz de porco é o do Ari que, à mulher atarefada, sempre grita: – É aquela ali! se ela procura a tomada... XII Adélia Victória Ferreira

Horas mortas, madrugada, persigo meu sonho em prece, e é tão fria a caminhada que até o sereno me aquece! XII Alba Christina Campos Netto

Pátria, perdão, só agora só depois que te deixei, caminhando mundo a fora, dentro de mim te encontrei. II Aley Ribeiro Souto Mayor

Aqui triste abandonada, sem tua presença e ardor, sou chuvosa madrugada sem ter do sol o calor. XII Anita Throgmud Folmann

Ribeirão Preto navego... velas de paz, ar de fé na proa canal carrego, na popa, pô de café. Antonio Carlos Tortoro

Nascido lá no Oriente, Salim não nega a raça pois com seu nariz *potente* puxa mais ar... que é de graça... XII Antonio Colvate Filho

Se minha lira pudesse atingir o teu ouvido, talvez não mais estivesse nosso mundo dividido... XII Branca Marilene M. Oliveira

Mãe Preta, de ti nos veio a humildade sem tamanho, tirando o filho do seio para dá-lo ao filho estranho. I Clóvis Maia

Tinha um ar tão petulante o nariz da tal Rosinha, cheirava a desodorante do marido da vizinha. XII Conceição Parreiras Abritta

Madrugada... de horas mortas... e o passado a reviver, eu fecho todas as portas mas ele insiste em bater! XII Cynira Antunes de Moura

O livro é o teu grande Amigo, o braço que ajuda e ampara. É alimento, é vinho, é trigo colhidos em messe rara... IV Cyro Armando Catta Preta

Vaguei pelas madrugadas buscando o amor que foi meu, só encontrei as pegadas de quem também o perdeu. XII Dalmir Pena

Pelo noivo narigudo lamenta a noiva, infeliz: não viu, depois de ver tudo, nada maior que o nariz! XII Edmar Japassi Maia

Ao ver a desigualdade e tanta gente infeliz, clamo o sol da liberdade nas manhãs do meu País! VIII Eugénia M. Rodrigues

Quantas madrugadas frias de tão vesgos horizontes, descobrem vidas vazias dormindo em baixo das pontes. XII Francisco Luzia Netto

Mulata, não se quebre, seus dengues, falo e repito: provocam muito mais febre VIII do que a dengue do mosquito. Geraldo de Moraes

– Meu bem – indaga o marido – o que é brega... que eu não sei? – É aquela saia, querido, que me deste e eu, nunca, usei! XI Heloisa Zanconato Pinto

Se a tua sorte recua, a fé não percas jamais: nas madrugadas sem lua XII as estrelas brilham mais... Heribaldo Gerbasi

Tantas ternuras, guardadas, eu tenho para te dar, que minhas mãos, descuidadas, traçam carícias no ar!... XI Héron Patricio

Se a vida jamais desiste de por pedra em teus caminhos, deixa o choro... pois existe meios de andar sobre espinhos. VIII Ivone T. Prado

Foi o nariz do marido a salvação dos amantes, pois, sendo muito comprido, chegou dez minutos antes!... XII Izo Goldmann

Nosso carinho é tamanho que, quem chega a Ribeirão, deixa de ser um estranho para tornar-se um irmão. José Maria M. Miranda

Aproveitando o tamanho do seu nariz, o Navarro no chuveiro tomba banho, sem apagar o cigarro! XII José Tavares de Lima

No carnaval, distraída, saliente e bem dotada, a jovem se viu perdida e nem se deu por achada! XI José de Vargas Ferreira

Seu nariz, sempre discreto, foi indiscreto e mesquinho quando espirrou... no secreto armário do seu vizinho... XII Leda Costa Lima

Grande culpa há na imprudência de quem não usa a razão e apenas pela aparência condena os erros do irmão. VII Lourdes Aparecida Cione

“Viva, é menino! Eu sabia”... – grita o pai, todo feliz. Da menina, que nascia, veio primeiro o nariz!... XII Lucília Alzira T. Decarli

Quando partes, fico em trevas e não sei se minhas queixas, vem do sorriso que levava ou das tristezas que deixas. VI Luis Machado Stábile

Nas serestas da lembrança onde o orvalho enfeita a tela a minha ilusão te alcança, mas a razão diz: – Cautela! IX Rita Marciana Mourão

A palavra bem escrita é pérola, prosa, verso... É lira que entoa e dita os acordes do universo. XII Maria Auxiliadora N. Zotti

Quando chegas sorrateiro e vens comigo deitar, meu nariz já sente o cheiro de safadezas... No ar. XII Maria Inês Leme Rapizo

Ao resolveres partir por favor não deixes nada, nem a esperança de ouvir teus passos na madrugada... XII Maria Nelsi Sales Dias

No meu sonho o mundo gira, tangendo a minha emoção... O meu coração é a Lira, a Trova – minha canção... XII Miguel Perrone Cione

As notas da minha lira, acompanhando teus passos, se acendem, qual uma pira, no calor dos teus abraços... XII Othniel F. de Souza

Quando, o frio, os céus domina, a madrugada, em vão, erra pondo algoeões de neblina sobre as feridas da Terra. XII Walter Waeny

Flagrou o noivo no banho e, em tempo, fez o protesto: – Seu narigão tem tamanho XII que não condiz com o resto!!! Sebas Sundfeld

Disse a nova funcionária: – Tem nariz grande o patrão! Respondeu-lhe a secretária: – Mas não é só o nariz, não!... XII Sem o Nome do Autor.

Está infestado o solar de fantasma e alma penada... E ainda chamam o lugar de casa *mal-assombrada*! X Sérgio Bernardo

Meu salário, eu nem te conto! Ele ficou tão na baixa, que se tiram o desconto fico devendo pro Caixa. VIII Sylvio Ricciardi

“Eu quero uma bênção” diz o andarilho, no convento... Com a mão tampando o nariz o monge lhe diz: “Sê bento”. XII Therezinha Dieguez Brisolla

Quando, o frio, os céus domina, a madrugada, em vão, erra pondo algoeões de neblina sobre as feridas da Terra. XII Walter Waeny

Terra de moça bonita de sol, cultura e canção no mundo, nada te imita, minha linda Ribeirão. Wilson Clovis Andrade